

## FALE COM A GENTE!

Editor Leopoldo Figueiredo

E-mail portomar@atribuna.com.br

Telefone 2102-7269

## PORTO &amp; MAR

# Fórum defende debate do PDZ do Porto com comunidade

Evento reuniu trabalhadores e sindicalistas do setor, estudantes e autoridades políticas em Santos ontem

DA REDAÇÃO

Garantir a participação da comunidade portuária e da sociedade civil na elaboração do Plano de Desenvolvimento e Zoneamento (PDZ) do Porto de Santos. Este foi o tema central do fórum *A Cidade que temos e o Porto que queremos*, que contou com a participação de mais de 700 pessoas no Mendes Convention Center, em Santos, ontem.

O evento, que contou com a presença de trabalhadores, sindicalistas e autoridades políticas, além de alunos de universidades, foi promovido pela Fundação Settaport e pelo Fórum da Cidadania de Santos.

“Nos move a preocupação com a geração de empregos e a manutenção do equilíbrio social e ambiental em torno do Porto. Criticamos a intervenção de dar ainda mais preponderância às movimentações de

cargas do agronegócio, atividade altamente poluidora e de baixo valor agregado para a sociedade da Baixada”, destacaram os participantes, em uma carta aberta lida ao final do evento.

O PDZ estabelece estratégias e metas para o desenvolvimento racional e a otimização do uso de áreas e instalações do porto organizado. Em todos os painéis, o estudo foi lembrado com preocupação por trabalhadores e especialistas. Um debate sobre o plano já havia sido cobrado pela comunidade portuária.

Um dos pontos levantados é o projeto da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), a Autoridade Portuária, de implantar um terminal especializado na movimentação de celulose na Ponta da Praia.

“Somos contra a operação de celulose porque entendemos que essa operação não vai resolver o problema do emprego e a questão do meio ambiente. Alguns gargalos serão criados, que é a questão da ferrovia. Não adianta falar que vai colocar a carga lá sem garantir que ela vai chegar através da ferrovia”, destacou o vereador santista e presidente do Sindicato dos Empregados Terres-



Participantes discutiram os planos da Codesp para o Porto, como o destino das antigas áreas da Libra

tres em Transportes Aquaviários e Operadores Portuários do Estado de São Paulo (Settaport), Francisco Nogueira.

## PERDA DE POSTOS DE TRABALHO

Segundo dados do Sindicato dos Estivadores de Santos e Região (Sindestiva),

em 2012, o salário médio de um trabalhador portuário era de R\$ 5 mil por cerca de 40 trabalhos mensais. Hoje, o valor caiu para R\$ 2 mil e são apenas 11 engajamentos.

Além disso, desde o fechamento dos terminais do Grupo Libra (que movi-

mentavam contêineres), mais de 7 mil empregos indiretos foram afetados, se contabilizadas todas as categorias envolvidas na operação. Segundo Nogueira, um estudo detalhado será realizado para estimar as perdas reais dos trabalhadores.

“Queremos um porto limpo, sustentável, que gere empregos, distribua a renda. Um porto que possa ter uma vocação de vários modais, que possa industrializar cargas e garantir mercadorias de valor agregado”, destacou Francisco Nogueira.

O presidente do Sindestiva, Rodnei Oliveira da Silva, destacou que os grandes portos do mundo investem em automação mas também em qualificação dos trabalhadores. “Mas aqui, não importa o modelo social adotado lá, só o operacional. Em Antuérpia, por exemplo, a mão de obra foi valorizada com investido em capacitação”

## AUTORIDADE PORTUÁRIA

Apesar de ter sido convidado, o presidente da Codesp, Casemiro Tércio Carvalho, não compareceu ao evento e foi vaiado por trabalhadores.

Procurada, a Docas informou, através de sua assessoria de imprensa, que a agenda do executivo já estava comprometida. A Autoridade Portuária informou também que a proposta do PDZ “ainda não está pronta, pelo que não cabe a afirmação de que não foi debatido”.

A empresa destaca ainda que “sempre esteve aberta ao diálogo com os sindicatos e a comunidade e assim permanecerá”. Sobre as mudanças na mão de obra, a empresa destaca que “vem alertando a comunidade da região sobre a necessidade de nos prepararmos para a revolução tecnológica. O perfil da mão de obra mudará e a Baixada Santista tem de ser protagonista”.